

O GLOBO

Revista

ANO 2 Nº91 23 DE ABRIL DE 2006



Ele é carioca

Chico Buarque lança disco dedicado ao Rio e fala do medo da violência na cidade

FOI NUM PASSEIO AO CENTRO, para fazer foto em frente à Central do Brasil, que Chico Buarque rompeu um longo silêncio com a mídia. A conversa, dentro de uma van do jornal com o ar-condicionado quebrado, foi filmada por Rodrigo Pinto, do Globo Online. Enquanto a paisagem corria pela janela, Chico lembrava o Rio da

bossa-nova, falava da tragédia carioca de hoje e de como reagir a ela. Quando chegamos ao Campo de Santana, Chico trocou de camisa, deixando a produtora Rita Moreno escolher uma entre as seis que ele havia levado para fazer fotos diante da estação de trem que é o maior ponto de encontro carioca. Não foi fácil conter os passantes, que perderam aquela proverbial indiferença dos transeuntes da Zona Sul e fizeram fila para ganhar autógrafo. Um teste de popularidade e bom humor do compositor que já virou uma das marcas registradas do estilo de vida carioca. Afinal, o agora assumido orgulho carioca do Chico é motivo de alegria para todos nós. Bom domingo. — *Marília Martins, editora*

COMPORTAMENTO

16 **Santa Teresa, cenário de cinema**

SAÚDE

46 **Brasil, vice-campeão em plástica**

CIÊNCIA E VIDA

50 **Visita a Tchernóbil, 20 anos depois**

SEÇÕES E COLUNAS

- 6 **Martha Medeiros**
- 8 **Paulo Coelho**
- 10 **Alberto Goldin**
- 12 **Tome nota**
- 14 **José Hugo Celidônio**
- 30 **Entrando no armário**
- 33 **Professor Pasquale**
- 48 **Achados imperdíveis**
- 52 **Eureca!**
- 53 **Humor**
- 54 **Qual é o seu problema?**
- 56 **Jogos**
- 58 **Artur Xexéo**

Capa: Chico Buarque, no Campo de Santana, em frente à Central do Brasil. Foto de Marco Antonio Rezende. Produção fotográfica de Rita Moreno.

Intimidade, voz e violão

Badi Assad inicia turnê nacional no Rio e conta o que precisa para ser feliz



4

Jogo de cintura

Aulas de circo melhoram a flexibilidade e aprimoram a boa forma dos cariocas



18

Beleza brasileira

A atriz Luciana Braga testa um dos novos tratamentos estéticos da estação



36

Capa



“Antigamente ser carioca era motivo de orgulho. Agora não é mais.”

Ele está lançando um disco chamado “Carioca”. Depois de 40 anos de boemia na Zona Sul, este ilustre morador do Rio resolveu assumir o orgulho de ter nascido no cartão-postal do Brasil. Nesta entrevista à Revista O Globo, filmada por Rodrigo Pinto, do Globo Online, para exibição de trechos a partir de amanhã no site www.oglobo.com.br, Chico Buarque diz que é hora de ter coragem de afirmar o amor ao Rio. E fala do medo e das delícias de viver o cotidiano numa cidade de natureza exuberante, que se encontra às voltas com a guerra civil do tráfego.

Chico fala do Rio

■ Por Marília Martins. Fotos de Marco Antonio Rezende. Produção fotográfica de Rita Moreno

Por que o título do disco é “Carioca”?

Chico Buarque de Holanda: Pois é, tem que explicar... O título de um disco, em geral, é a última coisa em que eu penso. Aliás, antigamente, os discos nem tinham título. Era o nome do cantor. Mas agora são tantos discos que é preciso ter um título. Então, quando fui gravar, comecei a pensar no título. E, depois, em como explicar o título... (risos) Quando escrevi a canção que se chama “Subúrbio”, percebi que o Rio era muito presente no disco e que era mesmo a idéia central. Muitas canções, a maioria delas, são musicalmente muito cariocas. Tem choro, canção, bossa nova, samba bem brasileiro, samba-canção abolerado... O disco é carioca até nas citações musicais, tem canção com um toque da música americana que se ouvia aqui no Rio dos anos 50. Tem muitas citações musicais e literárias à cidade do Rio de Janeiro.

É um disco com saudade do Rio dos anos 50?

Chico: Não... De jeito nenhum... Está longe de ser um disco nostálgico do Rio dos anos 50. E para completar a série nova que eu tinha composto, pensei em canções antigas que eu ainda não tinha gravado.

Pensei na música “Leve”, uma parceria minha com Carlinhos Vergueiro, que é um passeio pelo Rio e ficou dentro do espírito carioca... E com o disco já quase pronto, eu lembrei de uma parceria minha com o Tom Jobim, que é o grande compositor carioca moderno do século passado.

Você já tinha até feito a sua genealogia familiar e musical, citando o Tom, na música “Paratodos”, e terminava definindo a si mesmo como um artista brasileiro. Nem mencionava o fato de ser carioca...

Chico: Eu não fazia questão de me definir como carioca. Nunca fui chegado a bairrismos. Nasci no Rio de Janeiro, no distrito federal. Fiquei dois anos aqui e depois minha família se mudou para São Paulo. Mas lá meu apelido era carioca porque eu passava todas as férias no Rio. Boa parte da minha família morava no Rio. Eu ficava com meus tios e meus avós. Sou carioca do Lido. Minha avó morava ali no Posto 2. Meu time era o Fluminense, meu sotaque era carioca, vivia queimado de sol. Ser carioca era motivo de orgulho, era quase covardia. Agora não é mais... E talvez por isto seja um bom momento para me afirmar carioca.

SUBÚRBIO

Letra e música
de Chico Buarque

Lá não tem brisa
Não tem verde-azuis
Não tem frescura nem
atrevimento
Lá não figura no mapa
No avesso da montanha, é
labirinto
É contra-senha, é cara a tapa
Fala, Penha
Fala, Irajá
Fala, Olaria
Fala, Acari, Vigário Geral
Fala, Piedade
Casas sem cor
Ruas de pó, cidade
Que não se pinta
Que é sem vaidade

Vai, faz ouvir os acordes do
choro-canção
Traz as cabrochas e a roda de
samba
Dança teu funk, o rock, forró,
pagode
Teu hip-hop
Fala na língua do rap
Desbanca a outra
A tal que abusa
De ser tão maravilhosa

“ Os políticos do Rio são os piores do Brasil... A cidade está degradada, a classe

Você voltou a morar no Rio em 1966. Está fazendo 40 anos de vida carioca...

Chico: Exatamente. Voltei a morar no Rio em 1966. Em São Paulo, todo mundo me conhece como carioca, mas, vejam só, apesar de estar morando no Rio há 40 anos, aqui muita gente pensa que eu sou paulista...

E por que só agora, 40 anos depois, você resolveu assumir a sua identidade carioca?

Chico: Achei que agora é um bom momento de me afirmar como carioca. No Rio, está tudo tão para baixo... O Rio de Janeiro está ferrado. Os políticos do Estado do Rio são os piores do Brasil, o futebol do Rio é o pior... A cidade está degradada, a classe média apavorada, os canhões apontados para a favela e a Zona Sul aplaudindo com as suas razões de classe média... E os favelados são tratados como subcidadãos. Há sempre esse discurso perigoso dessa gente que bate no peito e diz que é “de bem” porque paga impostos... Como se o favelado, que não paga impostos, porque não tem de onde tirar, porque é trabalhador humilde, estivesse sempre ligado ao tráfico... O favelado existe e isto perturba a vida dos “homens de bem”, porque fecha o trânsito, fecha o túnel Zuzu Angel, fecha a Niemeyer e a classe média não pode voltar para a casa... A favela incomoda muita gente.

A classe média tem preconceito com a favela, mas sobre certos morros, perto do carnaval...

Chico: Fala-se muito do morro. A Mangueira, minha querida Mangueira, é freqüentada por muita gente de classe média para se preparar para o carnaval. O movimento começa em outubro e vai até fevereiro. O morro está muito presente no cotidiano da classe média. E ninguém fala do subúrbio, nem da Zona Norte e nem da Baixada Fluminense. Do subúrbio e da periferia só se fala quando há uma chacina... Mas tudo isto é o Rio.

Você é carioca da Zona Sul...

Chico: Eu sou carioca da Zona Sul, claro, nasci no Catete, fui menino no Lido, em Copacabana, e morei sempre entre a Lagoa, o Jardim Botânico, a Gávea e o Leblon, mas quis que o disco falasse do Rio por inteiro. Não planejei um disco carioca, isso foi acontecendo pelas notícias que a gente tem das transformações da cidade nesses anos todos...

A geografia carioca, entre a praia e a montanha, faz com que os ricos sejam vizinhos dos pobres. Um tiroteio na favela atinge a classe média do asfalto. Você não acha que a geografia

carioca e a proximidade entre ricos e pobres podem fazer com que o Rio tenha mais condições de reagir à violência?

Chico: Essa proximidade é ambivalente. Eu já falava isso no meu livro “Estorvo”. O Rio tem essa peculiaridade topográfica: a periferia fica no centro! A periferia, em qualquer cidade, fica distante do centro e das áreas de classe média. No Rio não é assim.

O Rio tem favelas em toda a Zona Sul...

Chico: Nós, da Zona Sul, tomamos conhecimento do que acontece na favela pela proximidade, sim, mas isto gera sentimentos ambivalentes. A gente tem até familiaridade com os moradores das favelas porque muitos deles trabalham como porteiros, empregadas domésticas, garçons. Mas a proximidade também gera um pânico que é constante. A gente ouve o barulho de tiro o tempo todo, e a gente se acostuma, mas aí sabe que alguém da família foi assaltado, e comenta com os amigos, e todo mundo entra em pânico... É diferente de São Paulo, daquela vida fechada nos condomínios, onde os bairros dos jardins estão bem distantes da periferia. Aqui o sujeito sai de casa e vê o pessoal do morro por ali... E o barulho dos tiros... as pessoas da Zona Sul já sabem até identificar o tipo de arma pelo barulho do tiro... Esse é de fuzil, esse é tiro traçante... Já sabem do AR-15... Tudo isto gera no Rio uma tensão muito grande. É terrível, doloroso ter isto sempre presente, é viver num alerta constante, e ninguém pode se alienar desse problema, não há lugar seguro, não há condomínio que possa fazer uma barreira contra tiroteio, o barulho chega lá e o medo também.

Mas há no Rio uma forte reação da sociedade civil contra a violência, em movimentos como o Viva Rio, o AfroReggae... São movimentos suprapartidários.

Chico: Claro, esses movimentos são importantes, tudo isto é bom, mas são paliativos. Eu não tenho a fórmula da salvação do Rio de Janeiro.

Na música e no teatro, você fez a crônica de um certo de estilo de vida carioca. Você acha que este estilo ainda sobrevive?

Chico: Mesmo sem ser dado a carioquices, acho que sim, que ainda existe um humor carioca, um estilo de vida que tem certa leveza, um não se levar a sério... Isto tem a ver com a natureza... Eu moro perto do morro Dois Irmãos. Vejo o morro e penso que não posso me levar tão a sério ao pé daquela montanha... Há cidades que se orgulham de terem sido feitas pelos homens, como São Paulo. O paulista se orgulha muito de ter construído a sua cidade. O Rio é uma obra da natureza. Aqui ninguém se leva a



média apavorada com a favela. Do subúrbio só se fala quando há chacina...

”



sério e todo mundo tem bom humor diante da beleza da cidade. É um humor que vem da leveza. São Paulo tem um humor pesado, o contrário do Rio. Com a paisagem carioca, até o engarrafamento fica agradável... Ao mesmo tempo, esse não se levar a sério pode descambar para a esculhambação. A gente às vezes não sabe o limite...

E o samba? Você acompanhou o debate sobre o carnaval e a vitória do samba de condomínio?

Chico: Samba de condomínio?!?

São esses sambas de escola que têm uma dezena de autores...

Chico: Ah sim... Então se chamam sambas de condomínio (risos)... Pois é... Não sei nada disto...

Você é otimista com a cultura do samba no Rio?

Chico: Claro que sim. Não falo das escolas de samba porque o samba das escolas já deixou de ser samba há algum tempo. Virou marcha e todo mundo tem que correr para não estourar o tempo do desfile. As escolas cresceram demais, houve a invasão de turistas, ninguém samba no pé... E se você ouve aquilo percebe que é uma marchinha, pela estrutura, pela melodia. Há muito tempo não me interessa por samba-enredo, nem ouço esses sambas de condomínio... Eu conhecia o samba-enredo da época do Silas de Oliveira... Depois acabou. Samba de condomínio é samba de interesse, tem de tudo, a disputa do samba da escola parece campanha eleitoral. Isto não tem a ver com a cultura do samba.

Onde essa cultura do samba sobrevive?

Chico: Eu acredito que o Rio ainda é o maior centro gerador de música popular no Brasil. A Bahia concorre com o Rio, Pernambuco também cresceu muito musicalmente, mas o Rio ainda impera. Aqui tem chorinho, tem samba, tem pagode, tem rap, tem reggae, tem hip-hop, tem funk, tem de tudo... A cultura musical do morro é riquíssima. O Rio não tem só samba tradicional. No disco, eu falo dessa riqueza musical carioca, do violão de sete cordas, do cavaquinho... A música popular, antes da bossa nova e dos inferninhos de Copacabana, era criada no centro, na Zona Norte e no subúrbio, na Vila Isabel de Noel Rosa, na Madureira da Portela, no Império Serrano, em Pílares... Samba era coisa de gente pobre. E só começa a se aproximar da classe média nos anos 30, quando Mário Reis sobe a Mangueira... Os grandes criadores do samba foram Sinhô, Donga, Chiquinho, gente humilde.

Lá não tem moças douradas

Expostas, andam nus

Pelas quebradas teus exus

Não tem turistas

Não sai foto nas revistas

Lá tem Jesus

E está de costas

Fala, Maré

Fala, Madureira

Fala, Pavuna

Fala, Inhaúma

Cordovil, Pílares

Espalha a tua voz

Nos arredores

Carrega a tua cruz

E os teus tambores

Vai, faz ouvir os acordes do

choro-canção

Traz as cabrochas e a roda de
samba

Dança teu funk, o rock, forró,
pagode

Teu hip-hop

Fala na língua do rap

Fala no pé

Dá uma idéia

Naquela que te sombreia

No Rio da bossa nova, havia mais parceria musical entre a Zona Sul e o morro?

Chico: A bossa nova já é samba de branco feito em Copacabana. Na minha infância, no Rio dos anos 50, havia uma convivência muito natural entre a classe média e a gente pobre. Essa convivência se fazia na praia, no futebol e na música. No tempo do Beco das Garrafas, os pianistas, todos brancos, tocavam junto com percussionistas, todos negros, e a música que faziam era a mistura do samba tradicional com elementos vindos de fora do país, um tanto do jazz americano, um pouco da chanson francesa. Essa convivência estava na música de Villa-Lobos, que misturava erudito e popular, ele conhecia muito Pixinguinha, adorava chorinho... E esse contato estava na música porque estava também no cotidiano da cidade. Ainda garoto, eu subia o Morro da Babilônia para soltar pipa e ver a paisagem lá do alto. Lá foi filmado "Orfeu" e eu tinha muita curiosidade com a vista lá do alto. Não havia hostilidade. Não havia o tráfico de drogas, que criou essa tragédia carioca.

No Chile, discute-se atualmente a flexibilização da lei antidrogas. É um tema a se discutir também aqui?

Chico: Eu tenho uma canção que fala disto, de sonhos impossíveis, de um Rio onde maconha se compra na tabacaria e drogas, na drogaria. Mas talvez não seja tão impossível assim pensar nisto. Ao contrário, vai haver um momento em que teremos que discutir isto. Se as drogas são um flagelo, o tráfico é muito pior. O problema é que o tráfico virou questão internacional. Você pode fumar maconha em Amsterdam, mas não pode sair da Holanda com maconha. Agora aqui o que nos aflige muito mais é que o grande consumidor de drogas vive ao lado da miséria. O Rio virou entreposto de cocaína e aqui você vê garotos cheirando e vendendo cocaína aos 7 anos. Isto não existe na Europa e nos EUA porque lá não há um problema social tão grave. O drogado lá é um problema de saúde pública, aqui é um drama social. Talvez não interesse às grandes potências a discussão sobre a flexibilização da lei antidrogas, mas nós, brasileiros, temos que discutir este assunto.

Você viu o documentário do MV Bill, "Falcão — Meninos do tráfico"?

Chico: Vi. E vi também o filme do João Moreira Salles, "Notícias de uma guerra particular". Os filmes estão aí, os problemas estão aí e tudo isto se



discute pouco. No começo do governo Lula, quando Márcio Thomaz Bastos foi nomeado o ministro da Justiça, tive esperança que este assunto fosse levado ao debate. Eu me lembro que ele era a favor da descriminalização da maconha. E depois não se falou mais nisto...

Muitos artistas têm subido o morro para tentar unir a cidade partida. É o caso do Gil, é o caso do AfroReggae...

Chico: Sim, muitos artistas têm um trabalho de levar arte ao morro, apresentações de teatro, projeções de filmes... E o pessoal do morro também produz cinema, teatro, artes, como é o caso do MV Bill ou do Nós do Morro. Acho importante que a relação entre os artistas e as favelas não seja só de exibir trabalhos, mas também de ajudar a formar os artistas do morro, fazer com que aquela gente se interesse a trabalhar com arte. Mas isto não resolve problema social. Estive uma vez conversando numa favela e quando perguntei às crianças o que elas queriam ser, muitas disseram atriz, cantora, bailarina... Todo mundo quer ser artista... Acho que

"No começo do governo Lula, tive esperança que a lei antidrogas fosse levada ao debate. Eu me lembro que Márcio Thomaz Bastos era a favor de descriminalizar a maconha..."

“ Já é hora de discutir a flexibilização da lei antidrogas no Brasil. ”

não vai dar para todo mundo virar artista... É importante ter centros de formação profissionalizante. Este trabalho dos artistas, me parece, acontece mais no Rio do que noutras cidades por causa da geografia e da proximidade. Era o que a gente falava da ambigüidade da geografia urbana do Rio. É fundamental pensar nas comunidades pobres como um problema social a ser resolvido como um todo.

Há críticos, como José Ramos Tinhorão, que analisam a produção atual, sobretudo o rap e o hip-hop, e dizem que a melodia está desaparecendo na MPB mais recente. Você concorda que a canção popular está acabando na MPB?

Chico: Pode ser. Rap é uma sigla que vem de rhythm and poetry, ritmo e poesia. Exclui melodia e harmonia. A nova música da Bahia também é muito percussiva. Especula-se que a canção, tal como nós a conhecemos, estaria acabando... Não digo nem que sim nem que não... Digo que há indícios... A canção, como nós a conhecemos, surgiu no século XX. Não existia no século XIX. A canção veio substituir a ópera, que era muito popular no século XIX. A introdução de elementos orquestrais na canção, a assimilação de elementos da música clássica à produção popular, tudo isto são fenômenos do século XX.

E quem garante que a canção vai sobreviver ao século XXI?

Chico: Pois é. Quem garante que a canção popular não vai se tornar algo típico do século XX, como hoje nós vemos a ópera como um fenômeno do século XIX? Os grandes compositores de ópera são todos do século XIX... Mas eu ainda acho cedo para renunciar à canção.

Por isto está lançando um disco de canções de MPB...

Chico: É verdade. Eu não acredito no fim da canção, senão não teria gravado este disco. Eu tento lutar contra esses indícios, contra essa tendência forte à percussão em detrimento da riqueza harmônica e melódica, contra essa indústria da compilação que vive dos standards do século passado... Hoje há menor curiosidade com o novo. Mas eu só gravo um dia quando acho que estou fazendo algo novo, penso que posso fazer melhor em relação ao que já fiz. Meu trabalho é tecnicamente melhor, tenho mais rigor na composição.

Você acha que a MPB era melhor nos anos 50 e 60?

Chico: Eu não sou daqueles que acham que a

melhor música popular brasileira era aquela dos anos da bossa nova, ou a que se fazia nos festivais. Não sou daqueles que atribuem a qualidade da MPB dos anos 60 à resistência à ditadura. Eu não vivo de nostalgia. Há um certo refluxo da canção. Mas isto se deve a outras questões. Vivemos uma época de novos suportes, saiu o LP e entrou o CD, e logo se relança tudo o que havia em LP para o CD. Agora é MP3, ringtone, há uma sede e uma demanda muito grandes e um material estocado enorme. Então as velhas canções estão sempre voltando. Talvez eu devesse me acomodar e me aposentar e dizer: bem, já está feito tudo o que eu tinha que fazer...

Não faça isso...! Por favor...!

Chico: Também acho... (risos) Por isto, gravei um disco novo...

Quando você compôs "Subúrbio", pensou em "Gente humilde"?

Chico: Não. Na verdade, eu não considero "Gente humilde" minha... A música é do Garoto, grande compositor popular, e o Vinicius fez a letra quase toda, deixou dois versos para eu completar, só para virar parceiro... Eu morava em Roma e tinha convidado o Vinicius para ser meu padrinho, padrinho da minha filha Sílvia... Então ele disse: "Muito bem, além de compadres, vamos ser parceiros..." E me deu a canção para terminar. Foi um presente. Há algo em comum: a minha música também fala de um subúrbio idílico, poético. Vinicius falava de um trem que não existe mais, de um trem que vinha parando nas estações até chegar à central, ele pensava no subúrbio do tempo do Garoto, dos anos 40 e 50. O meu subúrbio é outro, é o subúrbio de hoje, mais atual e mais atuante, e a música é uma chamada para o subúrbio falar, é menos nostálgico e mais atual. Eu falo do Rio de hoje, do Rio que eu vivo, do Rio que só fala de Zona Sul e favela e que se esquece do subúrbio. Outro dia fui comprar um mapa da cidade e me venderam o mapa que muito turista compra: tinha o Centro, a Zona Sul e a Barra. Não havia subúrbio no mapa. Fiquei scandalizado com isso. E também não quero viver de nostalgia. Todo mundo fala do Rio de antigamente, todo mundo tem saudades do Vinicius, da bossa nova. Eu tenho saudade, mas quero falar de hoje. Quero falar da Lapa, do renascimento do samba na Lapa. Esse é o meu Rio, o Rio da Central do Brasil, um Rio que quer vencer a violência e viver em paz.

Lá não tem claro-escuro

A luz é dura

A chapa é quente

Que futuro tem

Aquela gente toda

Perdido em ti

Eu ando em roda

É pau, é pedra

É fim de linha

É lenha, é fogo, é foda

Fala, Penha

Fala, Irajá

Fala, Encantado, Bangu

Fala, Realengo...

Fala, Maré

Fala, Madureira

Fala, Meriti, Nova Iguaçu

Fala, Paciência...

■ Por Marília Martins
e Márcia Foletto.
Fotos de Márcia Foletto

VIDA DE SUBÚRBIO, DIZ A letra do Chico, não tem verdes-azuis, nem frescura, nem atrevimento. Nem sequer figura no mapa. É vida sem turista e sem foto em revista. Vista pelas lentes de Márcia Foletto, porém, o subúrbio ganha cor, atrevimento e... páginas de revista. Uma das principais fotógrafas do GLOBO nas coberturas diárias de Grande Rio, Márcia conhece de perto a ginga dessa gente carioca e mostra, nos depoimentos dos moradores dos subúrbios da canção, um pedacinho do cotidiano desses anônimos mestres na arte da sobrevivência com alegria. As estações da Central do Brasil têm as cores fortes do contraste entre a revolta pela desigualdade, pela violência, enfim, dureza da vida, de um lado, e a forte solidariedade dessa gente que ainda conversa à beira do portão, do outro. Não tem praia, mas tem gosto de cidade pequena: a diversão é soltar pipa, jogar bola na rua, fazer churrasco com os vizinhos.



VIDA DE SUBÚRBIO

Estações de um trem carioca



Fala, Irajá

“É legal, tem violência, assalto, tem briga como em todo lugar, mas é bom de viver e de criar os filhos, porque é calmo. A gente não tem lazer, as crianças brincam na rua, soltam pipa. Seria bom se tivesse uma praça.”

Adriana dos Santos da Silva
Laurindo, 30 anos, dona-de-casa



“No subúrbio, a gente bate papo no portão e bebe cerveja com os vizinhos.”

Fala, Inhaúma

“Gosto daqui, onde nasci, cresci e criei minhas filhas. Mesmo com toda a violência, quando saio aqui em Inhaúma, me sinto na minha área. Adoro o lugar em que moro, principalmente agora, que tem shoppings. O transporte é que é precário. Tenho uma amiga da Zona Sul que adora vir para cá porque a gente conversa no portão, toma cerveja, bate papo com os vizinhos.”

Joana Bonfim Martins, dona-de-casa e estudante, 48 anos



Fala, Acari

“Vim para cá com 10 anos e criei meus dois filhos. Se Copacabana está violenta, imagina a gente que é subúrbio. Mas nunca aconteceu nada com a nossa casa. Aqui não tem área de lazer, não tem uma praça boa, não tem comércio, nem mercado. Não sou chegada a praia... Sou preta queimada, o que eu vou fazer na praia?”

Nair souza de Vasconcellos, 64 anos, dona-de-casa

Fala, Olaria

“É divertido. Na Zona Sul, as pessoas são fúteis, aqui são mais amigas, a gente tem mais facilidade em se relacionar. O que é prejudicial são as drogas, a gente tem mais acesso e está mais exposto à violência. As oportunidades são poucas, as empresas dão preferência para quem mora mais perto ou em bairros mais nobres, como a Barra. Mas nada que tem na Zona Sul me faz falta. A gente cria um jeito particular de viver, como por exemplo, fazer no domingo um churrasco com os vizinhos no quintal ou então sentar no meio-fio da rua e ler um livro.”

Ewellyn Ferreira da Silva, 16 anos, estudante. Quer fazer faculdade de Arquitetura e Urbanismo. Estava lendo “Contos de Shakespeare” no meio-fio da rua

Fala, Pilares

“Aqui é ótimo, ninguém se mete com ninguém, cada um cuida de si. Aqui tem menos assalto que na Zona Sul. O que realmente falta aqui é uma boa feira livre, com produtos baratos, igual na Zona Sul.”

Ana Ribeiro, pensionista, 67 anos



Fala, Piedade

“Tem estas favelas aí, mas aqui ninguém perturba ninguém. Todo mundo respeita o outro. Tem ônibus para tudo que é lugar, tem açougue, padaria e tem piscina no clube. Quando a gente quer ir à praia, a gente vai à Barra da Tijuca. Não trocaria este lugar por nenhum outro na Zona Sul. Aqui é menos perigoso, vagabundo não anda armado. Aqui é bom.”

Antônio Carlos Simões, barbeiro, 52 anos



Fala, Vigário Geral

"Não gosto de morar aqui, os brinquedos da praçinha estão quebrados. Falta balanço, brinquedo de rodar. Eu queria morar na praia."

Paulo Victor Alves da Silva, 5 anos



Fala, Paciência

"Nasci em Paciência. Aqui é legal que a gente pode andar a cavalo, jogar bola de gude, soltar pipa. Tenho muitos amigos e nos encontramos todos os dias. Não tem como colocar uma praia aqui, mas bem que podiam construir uma piscina. Se pudesse morava na Ilha Grande."

Adriano Garcia Mariano, 14 anos, estudante.



Fala, Pavuna

"Já foi muito tranquilo viver aqui. O bom é que as pessoas são muito amigas, solidárias. O metrô tirou o ar de cidade do interior, já temos muitas favelas. Não tem mais o ladrãozinho, tem o viciado que assalta e carrega a vida da pessoa junto. As praças não têm atividades como na Zona Sul. É um lugar de gente que batalha. A Pavuna já foi mais colorida, agora está muito cinza, a única cor é a das barracas da feira."

Mônica Marques, 38 anos, desenhista técnica



Fala, Encantado

"Aqui é tranquilo, a periferia é boa, tem vários clubes. Acho que deveria ter mais praças, áreas de lazer. Não tem a praia, mas a nossa diversão é pipa, jogar bola, brincar de queimado, bolinha de gude, na rua. A diversão a gente que cria."

Marcos Vinícius Santos, 40 anos, técnico em telecomunicações



Fala, Bangu

"Aqui é selva. Tudo gera revolta: a desigualdade, a violência, a dificuldade de emprego. Aqui não é melhor nem pior do que o resto da cidade. Uma vez, eu fui para a Zona Sul só para procurar emprego: resultado zero-negativo. A diversão da favela e da classe média é diferente. A gente tem eventos na comunidade, que é um consolo para a vida não passar em branco."

Leorys Henrique dos Santos, 20 anos, desempregado

“Aqui é selva. Tudo gera revolta: desigualdade, violência, desemprego...”



Fala, Cordovil

“Moro aqui desde que nasci, as minhas filhas querem sair daqui, mas eu não tenho vontade. Tem assaltos, brigas, como em todo lugar, mas aqui somos conhecidos no bairro. Aqui é tranquilo, parado. Sinto falta de um calçadão para andar, aqui eu caminho ao lado do valão.”
Fátima Correa, 42 anos, dona-de-casa



Fala, Realengo

“É bom, tem escolinha de futebol e mulher. Quando a gente quer ir à praia, a gente pega o ônibus. Quando está quente, aqui tem cachoeira com a água geladinha.”
Josué Ramos Martins, 17 anos, estudante



Fala, Penha

“Morar aqui é legal, o comércio é bom, mas quando chove enche. Nosso bairro não é esquecido, só é lembrado por causa da violência, pelo que aconteceu com aquele jornalista. Somos lembrados por coisas ruins, parece que ninguém aqui presta. A maioria das pessoas é amiga. A gente é discriminado só ao falar o nome do bairro onde mora. Com esse negócio de briga entre bandido e polícia, não temos sossego. Traria para a Penha as festas de rua que tem em outros bairros para ter algo para se divertir.”
Sankler Roberto Gomes de Silva, 19 anos, trabalha em uma barraca de salgados



Fala, Madureira

“Morar aqui é dez. É mais do que dez. Tem acesso a todos os lugares, tem o maior mercado da região, tem um estádio que é o nosso Maracanã. Pena que o nosso time não foi campeão. Não precisa sair para nada, tem tudo aqui, mercado, shopping e cinema. Lamentamos não ter praia, mas em 20 minutos a gente está lá. Todos que moram aqui gostam. Tudo que tem lá, tem aqui. A Zona Sul é mais perigosa que aqui, as favelas são maiores, a guerra é pior. Aqui não é nada feio, a única coisa feia aqui sou eu.”
David Sirilo Eufrásio, 26 anos, comerciante



Fala, Maré

“Gosto da Maré. Tem muitos lugares para ir, forró no sábado, feira na sexta. Não preciso ir para lugar mais nenhum, aqui tem tudo. Não mudaria para a Zona Sul, estou acostumada com lugares mais tranquilos.”
Michele da Silva, 17 anos, estudante